



TRILHAS E MEMÓRIAS DO MUNDO DA CANCELA*

Francisco Gleison da Costa Monteiro*

Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral-CE)

revistafenix@revistafenix.pro.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o processo de formação dos primeiros cabarés da antiga cancela e a transformação em zona de baixo meretrício em Tianguá-Ceará. Nesse movimento, procuram-se elementos que venham propiciar imagens e vestígios de personagens que permearam o universo das tramas desenroladas no meretrício entre os primeiros anos da cancela, na década de 1950, até o fechamento da “zona”, em 2002.

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the process of formation of the first cabarets of the old gate and the transformation in zone of low prostitution in Tianguá-Ceará. In that movement, elements are sought that come to propitiate images and characters' vestiges that permeated the universe of the plots uncoiled in the prostitution among the first years of the gate, in the decade of 1950, until the closing of the “zone”, in 2002.

PALAVRAS-CHAVE: história – memória – prostituição

KEYWORDS: history – memory – prostitution

Neste artigo procuro abordar o mundo da prostituição entre os anos de 1950 a 2002, pelo fato de, nesse período, Tianguá-Ceará¹ passar por momentos de transição e de configuração dos espaços relacionados à prostituição e a outros aspectos, intrinsecamente ligados ao ritmo e ao ordenamento da cidade.

Ao estudar esse período, observei a existência dos atores – clientes e meretrizes – o que me levou a compreender e descrever o tipo de prostituição em Tianguá. Além disso, percebi que o público, diante dos rumores de “progresso” que os discursos

* Este texto é parte do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada **A cidade e o meretrício: trilhas e memórias do mundo da cancela: Tianguá/Ceará – 1950-2002**, orientado pelo professor Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard. Mestrado em História, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2004. Para este artigo, agradeço as sugestões da Prof^{ra}. Dr^a. Regina Ilka Viera Vasconcelos.

* Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral-CE). Mestre em História Social - Universidade Federal do Ceará.

¹ O município situa-se na Chapada da Ibiapaba, Noroeste do Estado do Ceará.

oficiais almejavam para a cidade, rompia com práticas que sugerem identificar a interpelação com a cultura urbana.

Com esses elementos, saí a campo para colher informações sobre as experiências e memórias específicas de meretrizes e clientes. Os relatos apontam lembranças das diversões noturnas e dos prazeres que se encontram gravadas na memória do público.

Com essas memórias, traçaram-se os rumos desta pesquisa, em que a análise centra-se na busca do entendimento da dimensão dos discursos sobre a prostituição. Dentre eles, aparece o discurso e o papel institucional do Juizado da Infância e da Prefeitura, que encontraram argumentos e poder para fechar a “zona” e transferir as meretrizes.

O maior desafio enfrentado foi o da seleção dos depoentes. Tarefa que exigiu sensibilidade para identificar quais narradores estavam dispostos a reviver a própria história de vida, tendo como referência as práticas sexuais. Nesse ponto, em alguns momentos, constatei desencontros nas entrevistas. Na maioria das vezes, os clientes geravam “inconveniências”, encaradas como forma de resistência, que me levaram a analisar, além das experiências de vida, as expectativas geradas em torno do tema.

Por outro lado, as meretrizes e vizinhança apresentaram-se mais dispostas a verbalizar suas memórias e dar-lhes significado. As histórias de vida relatam desde os momentos vividos na efervescência do mundo da Canela e da zona do baixo meretrício, a questões reflexivas referentes ao fechamento do ambiente da “zona”.

Deve-se considerar que as entrevistas e a pesquisa de campo foram realizadas de quinta-feira a domingo, dias mais freqüentados, principalmente à noite; algumas, no período da tarde, devido à pouca movimentação.

Outra observação, pelas possibilidades e limitações do trabalho com a história oral, está ligada ao fato de os depoentes serem citados com iniciais escolhidas de maneira aleatória. Espero que a escolha não venha atrapalhar o entendimento das reflexões, mas tive que respeitar os direitos morais e preservar a integridade dos entrevistados, condições exigidas pelos depoentes.

Registre-se, ainda, que, nas entrevistas, havia, no ato de verbalizar as memórias, o esforço, às vezes, em controlar as narrativas ou em contextualizá-las, pelo silêncio, gestos ou sorrisos. Por isso, notei que o trabalho com a memória apresenta-se diluído nas lembranças e na relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, no

exercício das transcrições, sendo possível apreender certos detalhes escurecidos no momento da entrevista. Dessa forma, a relação criada entre ouvinte e narrador pode ser definida com a inspiração de Ecléa Bosi:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador, sua matéria, a vida humana².

Por outro lado, a matéria do narrador também está atrelada a questões que ligam o passado e o presente e que devem ser identificadas nos relatos dos entrevistados. Para isso, é necessário que o historiador esteja atento às pontuações, modulações e marcos que estruturam os discursos narrativos para, então, perceber “os muitos tempos da memória”³, sempre reavaliados, a partir do presente.

Desta forma, espero que este artigo leve o leitor a perceber a construção dos discursos masculino e feminino e a notar os múltiplos fazeres que se deslocaram para o mundo diverso das relações de gênero que aqui é registrado através da busca dessas memórias.

O mundo da cancela: análise das interlocuções entre o meretrício e a cidade

Na cidade de Tianguá, na década de 1950, era possível notar elementos que enfatizavam práticas da prostituição na cancela. Esse período pode-se tomar como referência para se pensar a expansão urbana e as primeiras práticas de sexualidade que resultaram na formação dos cabarés e, depois, na constituição da zona de baixo meretrício.

A expansão urbana ganha os arrabaldes da cidade, onde grande dimensão de terras cobertas por matas cede lugar às casas e ao comércio. Com o crescimento urbano, o espaço, no qual se localiza a cancela, junta-se à BR 222 que alarga o território, atraindo uma população que, posteriormente, forma o bairro Governador Ferraz. Esse

² BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 90.

³ PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**, São Paulo: EDUC, n. 17, p. 207, nov. 1998.

aspecto é o que mais interessa, pois, nesse interstício, a cancela vai ser tomada por pequenos comércios: vendedores ambulantes, comerciantes em guaritas, funcionários do posto de fiscalização e do posto de gasolina, motoristas, lavadores de carros, dentre outros personagens que transformaram o local em mercado informal cedendo, inclusive, espaço para a prostituição.

A presença do público masculino na cancela, causada pela intensificação do tráfego no Posto Fiscal e do Posto de Gasolina, foi um ponto muito forte para o aumento de bares e de mulheres.

O trânsito de pessoas ficava restrito entre os que comerciavam e os que residiam na cancela, tornando, assim, o cotidiano do lugar flexionado por diferentes sujeitos, que se viram envolvidos, durante muito tempo, com experiências de vida voltadas para esse local de passagem.

Muitas mulheres também se apresentaram nesse espaço, como Madame Maria Eva. Na década de 1950, já era possível notar a existência de pequenos bares que improvisavam quartos propícios para clientes e meretrizes deleitarem-se nas práticas sexuais que se ensaiavam como sendo as primeiras formas de prostituição em Tianguá na condição de “zona”.

Para atrair os homens, as mulheres se apropriavam das ruas, saindo das casas que se constituíam em bares, com expressão de sensualidade, olhares libidinosos e obscenidades. Na interpretação de Da Matta, essas extensões “[...] unificam o mundo por meio de uma visão onde a rua e casa tornaram-se espaços contíguos, reunidos por uma convivência temporária [...]”⁴, assim eram os contatos entre clientes e meretrizes que aconteciam pelas ruas, onde a efemeridade ditava o ritmo da vida na cancela e dos encontros amorosos.

Nesse momento, a futura rua Zeferino Ferreira é tomada por uma espécie de geografia humana que, em relação ao sentido de viver na cancela, significa expor a ousadia, sedução e prazer entrelaçados nas expectativas do flerte ao cliente.

Para perceber as práticas desenvolvidas e como essas mulheres viviam por entre as ruas captando clientes, foi necessária a aproximação dos diversos narradores que vivenciaram o período e, com eloquência, nos relataram detalhes da vida e dos relacionamentos efetivados no tempo da cancela.

⁴ DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p. 67.

Essa aproximação, mediada pela oralidade, foi capaz de trazer uma dimensão polissêmica do mundo da cancela e dos sujeitos que a freqüentavam. É interessante notar que, em meio às narrativas, foi possível pontuar elementos necessários para entender as tramas e as vicissitudes promovidas no entrelaçamento das trajetórias de homens e mulheres, cujos relatos aparecem de forma incessante, nos depoimentos de que chegam a emergir as idiossincrasias das experiências vividas por seus atores.

Podemos observar, no depoimento abaixo, como vai se configurar a ocupação e freqüentação da cancela, onde o comércio preenche os espaços, antecedendo, assim, a moradia:

Esse bairro se formou com pequenos comércios. O posto da fiscalização e do mestre Zé Tito [Posto de Gasolina] trazia muitos caminhoneiros pra cá... eram nossos grandes consumidores. Aí... a gente vendia uma coisinha aqui, outra ali e assim eu ia ganhando a vida. Eu vendia minhas coisas numa bacia: doces, cocadas e às vezes frutas.⁵

Portanto, o lugar hoje conhecido como bairro Governador Ferraz, na década de 1950, os moradores o chamavam de bairro da cancela, que constituía referência ao Posto de Fiscalização e de Gasolina; o de fiscalização formava uma cancela para barrar as mercadorias que vinham transportadas clandestinamente nos caminhões e o de gasolina oferecia os serviços de abastecimento de combustíveis. Esses aspectos, talvez, possam evidenciar a formação dos primeiros cabarés em Tianguá, que irão se configurar pelo público masculino que lá marcava presença.

A situação efervescente em torno da cancela constituiu-se por formar grupos voltados para a prática corriqueira no espaço da cancela, encontrando nos postos, pontos de referências, onde foi possível construir a extensão de casas de famílias, outros comércios e bares de grande significação para o crescimento local.

Seguindo ainda a narrativa do senhor F.A.S., pode-se perceber que o mundo da cancela era o lugar onde se podia garantir a renda das despesas domésticas e moradia:

[...] Lá também eu construí minha casa e outros também construíram. Com muita dificuldade, muitos anos de trabalho eu consegui ganhar a vida na cancela. As casas eram simples: de taipas e os comércios eram umas guaritazinhas bem pequenas, que mal dava para guardar as

⁵ Sr. F.A.S., 70 anos, aposentado, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 26/05/2001.

mercadorias. Hoje já tem umas casinhas boas, mas antes a coisa era pior. Casas mal feitas, como já disse, de taipa e palha⁶.

O mundo da cancela não ficou restrito simplesmente à comercialização de mercadorias para atender aos caminhoneiros, comerciários e outras pessoas que vieram de diversas localidades e fixaram residências nesse espaço, mas a prostituição também teve, de forma peculiar, representatividade. O movimento, no entorno da cancela, culminou com algumas práticas sexuais em que se podia perceber a prostituição informal que teve a Madame Maria Eva como uma das primeiras meretrizes a atuar na cancela, segundo o depoimento do senhor A.M.A., comerciante, 68 anos:

O cabaré teve seu início com a Madame Maria Eva. Perto da cancela funcionava o posto de fiscalização onde os motoristas de muitos lugares paravam lá... Lá era que funcionava tudo, ninguém passava se não parasse lá no posto. E ao redor do posto formou o que gente chamava de cancela, que aos poucos foi abrindo comércio para atender os motoristas. Os homens pegavam as mulheres no ambiente de trabalho do posto, ainda num tinha, sabe, um lugar certo pra prostituição⁷.

Assim, a cancela, na década de 1950, começava a hospedar algumas meretrizes que atuavam em espaços públicos e improvisados, dentro de guaritas e de pequenos comércios, em caminhões ou em quartos alugados, o que ajudou a diversificar a alocação para os encontros sexuais, pois ainda não tinham “um lugar certo pra prostituição”.

Se, de um lado, a pequena cancela começava a ganhar expressividade na cidade, de outro lado, a Madame Maria Eva (Maria Domingos de Sousa), natural de Viçosa do Ceará (outro município da Chapada da Ibiapaba), mediante o fluxo masculino, também ganhava representatividade nos movimentos que se estabeleciam.

Nesse aspecto, é possível notar que, por volta da década de 1950 e início de 1960, a cancela aparece como lugar de abrigo dos primeiros núcleos de prostituição em Tianguá. Nesse momento, surgem os cabarés que se tornam importantes pontos de encontros para a prática sexual.

Mediado por fatores de crescimento dos comércios e do fluxo masculino, houve a necessidade de adaptar, em torno das mudanças da cancela, uma forma com que

⁶ Idem.

⁷ Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.

se pudesse segurar esse público em recinto que facilitasse a prostituição. Esse fato transforma a prostituição praticada em quartos informais dos quais surgem os cabarés, que, fixados e apropriados para diversões, também dispõem de mulheres e aluguéis de quartos adequados para a cópula. O senhor F.A.S. relembra que:

A Madame Maria Eva veio de Viçosa do Ceará em 1940, morava numa casinha de palha, depois ela mandou construir um Casarão ali perto da cancela, isso em 1950, mais ou menos. E na data de 60, o cabaré da Maria Eva era o mais conhecido em toda serra da Ibiapaba. A casa dela tinha umas vinte prostitutas: Chica da Nália, Ortência, Chica Cabileira, Expedita, Júlia Patriola, Raimunda Salvador, Francisca, Madalena e Otília. Tinha mais gente, mas nesse momento só estou lembrando dessas⁸.

O Casarão, como foi denominada a residência da Madame Maria Eva, era uma casa antiga. O ambiente era muito vistoso na cidade de Tianguá. Com arquitetura sólida, paredes altas, quartos espaçosos e ventilados, o Casarão servia como ambiente seguro para aconchegar os clientes e meretrizes.

Entre Ortência e mulheres citadas, foram outras personagens que, junto a Madame Maria Eva, participaram da formação dos cabarés que, além de arregimentarem meretrizes, também se envolviam em múltiplos trabalhos para garantir o funcionamento do ambiente, para fazê-lo lugar prazeroso ou para controlar os casos de violência praticados por clientes.

Depois da fixação dos cabarés, muitas mulheres do Casarão passaram a formar, na mesma área, outras casas de prostituição, tornando-se donas de bares. Algumas até se denominavam de “Madames”⁹, mas não tão conhecidas como Maria Eva.

Na década de 1960, já havia uma quantidade considerável de cabarés, o que fez muitas “Madames” aventurar-se por cidades afora, na tentativa de recrutar meninas para a prostituição.

O delineamento do bairro da cancela começava a ganhar contornos diante do trânsito e movimentação do lugar que, por um conjunto de fatores, ligava os comércios autorizados da venda de suprimentos alimentícios para suprir a comunidade, às práticas

⁸ Sr. F.A.S., 70 anos, aposentado, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 26/05/2001.

⁹ As madames eram mulheres que se estabeleceram no mundo da prostituição desde os seus quinze ou dezesseis anos de idade. A maioria delas não era natural de Tianguá. Dentro do meretrício, elas eram uma espécie de gerentes-proprietárias.

da sexualidade de “meninas”¹⁰ que, inserindo-se na vida noturna, vendiam o corpo, estabelecendo relações mútuas na geografia da cidade e do meretrício.

Os indícios apontados podem ser considerados como importantes aspectos para se analisar a formação do mundo da prostituição. O espaço urbano de Tianguá começava a se configurar, nesse período, e, em meio à cidade em crescimento, o meretrício aparece como fator prevalecte em termos de lazer. Nesse sentido, o mundo da prostituição, considerado fator de diversão em cidade do interior, mediava a “venda” do corpo e outros deleites, que movimentavam os finais de semanas.

Em face às décadas de 1970 e 1980, podemos caracterizar os pontos primordiais para solidificar tanto o crescimento da população quanto da “geografia” prostituinte que se espalhava na cancela, tornando-se, inclusive, local atraente e conhecido em Tianguá e na região.

O que podemos perceber é o fato de que o mundo áureo da prostituição fica explícito, mas as relações de poder ficam implícitas pelas circunstâncias do *glamour* que fazia parte dos cabarés, nos tempos da Madame Maria Eva.

Por outro lado, a relação de poder aparece nas organizações das festas, jantares e da gente rica que formava o ambiente de prostituição, e que, patrocinando tais eventos, ajudou a tornar o Casarão atraente, desejado, freqüentado.

Assim, percebe-se a rede de sociabilidade do mundo da prostituição em que, pelo contato com a elite e com a polícia, as madames ganhavam destaque e respeito. Conforme o depoimento do senhor J.M.S., esse comportamento era comum e fazia parte da atração noturna nos finais de semana em Tianguá:

Os homens que iam pro cabaré eram gente rica de Tianguá. A Madame Maria Eva dava até jantar para eles. Eles tinham o Casarão como uma segunda residência. Depois eles ainda tinham direito de escolher as meninas novinhas pra deitar com eles. As meninas eram muitas bonitas¹¹.

Os depoimentos das meretrizes e clientes demonstram como as madames souberam produzir estratégias para se estabelecer no ambiente, durante muito tempo, conseguindo, diante dos preconceitos e das dificuldades, muito respeito da pequena elite local. Maria Eva conseguiu abrir caminhos para quebrar várias barreiras no mundo

¹⁰ As “meninas” eram uma referência às meretrizes, termo muito utilizado pelas Madames.

¹¹ Sr. J.M.S., 67 anos, motorista, residente no Conjunto Malvinas. Entrevista concedida em 27/07/2001.

dominado pelo poder masculino. Pois, quanto mais o tempo passava, mais ela se afirmava na região como animadora das noitadas, nos finais de semana de Tianguá.

Os fatos narrados pelos depoentes referentes ao cotidiano do meretrício são facilmente memorizados, sendo inclusive trazidos para o presente e perenizados, tanto na vida dos homens que o freqüentavam, quanto na das meretrizes que moravam com a Madame Maria Eva.

Recorrendo à história desses depoentes, percebi que muitas particularidades do meretrício vieram à tona, por meio de memórias e lembranças de personagens que, direta ou indiretamente, contracenaram com a prostituição. Quando os depoentes recriam as idas ao meretrício, geralmente, alimentam-se de imagens retrospectivas que constroem a visão sempre de dominador frente às mulheres e ao espaço físico do meretrício. Nesses termos, podemos perceber que as lembranças, particularmente as masculinas, estimulam a exaltação da Madame e do meretrício na época, tomando o último como lugar de diversão e *glamour*.

Há como identificar também nas narrativas das mulheres uma forma de gerar memórias “boas” sobre a Madame Maria Eva, a vida no meretrício e do *glamour* – “não era qualquer um não [...] que freqüentava seu Casarão”¹² –, reflexão alusiva aos clientes de posse, que expressa seu encanto pela presença de pessoas de prestígio no ambiente.

Esta é a versão sempre enfatizada pelas mulheres do meretrício, em que a motivação essencial estava no gosto e na vontade de narrar memórias, experiências do passado que ainda estão muito presentes e, portanto, necessitam vir à tona. Nesse sentido, é importante observar que a oralidade tem como matéria a memória, por meio da qual narrador e ouvinte constroem, pelo diálogo, uma história além do conceito de “história verdade”, delineando imagens e vivências que, constantemente reconstruídas nos momentos em que se expressam, jamais se poderiam encontrar em registro escrito.

Aparecem, então, depoimentos que, além de retratar o *glamour* atrelado aos cabarés e à vida da Madame Maria Eva, também enfatizam os fatores negativos que se haviam tomado na história local, sendo apontados comportamentos considerados como desordeiros da urbanidade. Ressalte-se que essas “verdades” são destacadas somente nas narrativas masculinas.

¹² Sra. M.C.R., 71 anos, ex-prostituta, hoje residente em outra cidade da Chapada da Ibiapaba, Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

Na década de 1980, a dinamicidade do meretrício – que vivenciava os tempos da Madame Maria Eva –, praticamente desaparece. Após o período de ostentação, vem o esquecimento social ligado à imagem da Madame, permanecendo somente o Casarão que ficou de pé, após o retorno da Madame para Viçosa do Ceará que, recolocada no seu “devido lugar”, refugiou-se no mundo ao qual não pertencia mais, mas que o destino lhe havia reservado. Assim, o que lhe restou foram “pedaços” de lembranças e a vida que lhe ofereceu a caduquice e doenças reumáticas.

Se compararmos a imagem do Casarão, no tempo da Madame Maria Eva, e a de após sua saída, nota-se que o ambiente não tinha mais as características iniciais – atraente, divertido, transitado – e sim encontrava-se largado pelas meretrizes e clientes. Percebemos que a situação foi por conta das sucessoras não terem sabido criar estratégias para se estabelecerem no recinto, ocasionando a diminuição da frequência de clientes e de meretrizes. Esse fato provocou o abandono do Casarão que, posteriormente, foi demolido. Neste caso, os clientes preferiam frequentar os bares ao redor do Casarão, pois, além de oferecer “carne nova no pedaço”¹³, também apresentavam outros tipos de atrações.

Na decadência do Casarão, presenciava-se a concentração de casas de prostituição nos dois lados da rua Zeferino Ferreira, que já constituía a zona de baixo meretrício. Nesse sentido, posteriormente ao mundo da cancela, aos poucos, o ambiente deixou de ser glamourizado, passando a lugar onde se tinha a promoção de práticas ligadas ao sexo ilícito, que propagava o “pecado” e a “libidinagem”. Esse aspecto diz respeito ao fato de o meretrício, agora, ser notado na cidade e essa inter-relação (cidade e meretrício) passar a ser encarada como práticas de luxúrias que necessitam confinar-se para não agredir as pessoas de bem que perambulavam pelo centro.

Algumas vezes, lá no final da Rua Zeferino Ferreira... a Zona de Baixo Meretrício

Com o crescimento da cidade, determinados grupos sociais são considerados ameaçadores à ordem e à estabilidade da pretensa modernidade, sendo assim coagidos a deixar o centro da cidade para habitar as áreas periféricas.

¹³ Sobre esse termo ver: SOUSA, Francisca Ilmar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. São Paulo; Fortaleza: Annablume; Secretaria da Cultura e Desporto, 1998, p. 17.

Para essa situação, estratégias de disciplinamento no espaço urbano foram pensadas. Assim, o controle das vias públicas, dos comportamentos e, principalmente, as diversões noturnas eram vigiados pela Prefeitura Municipal de Tianguá, principal órgão de zelo do sossego e da moralidade pública, em obediência ao Código de Postura¹⁴, instrumento profícuo de conservação da ordem social e moralização da cidade.

Diante desse contingente, o universo da prostituição é colocado, nesse contexto, como aspecto problematizador da cultura urbana. Embora considerada como realidade à parte para os mecanismos de controle e poder, a prostituição, nas décadas de 1970/80, fazia parte da vida dos moradores do bairro Governador Ferraz e preenchia os dois lados do perímetro, repletos de casas de prostituição. O mundo da cancela passa, nesse momento, a ser caracterizado como zona de baixo meretrício, conforme as próximas duas narrativas, que o registram como o “tempo áureo da zona”.

Esta entrevista é de uma ex-meretriz que conheceu várias fases do mundo da prostituição, morou com Madame Maria Eva, e, no fim, ganhou um bar de um cliente, conseguindo estruturar o próprio lugar de trabalho.

No cabaré, bem depois que a Maria Eva saiu tinha uma presença bem maior na cidade. Isso era porque o meretrício já se encontrava naquele bairro com muitos bares. Todos os bares tinha meninas... e era meninas novas. Às vezes até no meio da semana a gente fazia um faturamento até bom e... e no final de semana era presença garantida dos clientes. Agora era assim: quanto mais o movimento apertava no bar, mais eu ficava com medo de brigas. A maior dificuldade que eu enfrentava era a de controlar as bebedeiras das meninas e dos clientes, que às vezes chamava a atenção da polícia¹⁵.

O discurso da narradora leva-nos a entender o sentido das experiências vividas na prostituição de uma época que não existe mais, porém, ao tornar presente sua história de vida, o passado aparece como algo que não está tão distante e possível de reviver, mesmo que seja mediante lembranças.

Por outro lado, para que sua história tenha significado, a ex-meretriz enfatiza que o período posterior ao da Maria Eva também foi de grande frequência. Entendo essa forma como estratégia narrativa para pontuar diferenças ou semelhanças e visualizar

¹⁴ SOUSA, José Evangelista de. **Código de Postura Municipal**. Tianguá: Prefeitura Municipal de Tianguá. 1980, p. 15.

¹⁵ Sra. M.H.N., 73 anos, ex-prostituta, residente em São Benedito-CE, também na Chapada da Ibiapaba. Entrevista concedida em 09/09/2001.

que, durante o tempo na “zona”, o meretrício também teve grande representatividade e não somente no tempo da Maria Eva.

Ainda pelo depoimento, é possível destacar que a zona do baixo meretrício começava a ganhar expressividade bem maior que no tempo da Maria Eva. Afinal, o público masculino não tinha somente o Casarão e as meninas que lá habitavam, mas a presença de outras mulheres mais ousadas e, como lembrado, as bebedeiras que chamavam a atenção da polícia.

Diante do grande número de meretrizes, somadas ao público masculino, davam-se os enlaces no cotidiano da “zona”, que já começava a formar imagens, que, afloradas pelos comportamentos, davam visibilidade à sexualidade exposta para atrair ao prazer do sexo. Nesse sentido, é possível perceber que os atos considerados indecentes – brigas, bebedeira e exposição ao pudor – praticavam-se na rua Zeferino Ferreira, e que, pelas circunstâncias, “já não dava mais para tolerar as prevaricações”, necessitando de diligências policiais para manter a ordem: “recentemente, a polícia vive aqui na zona. Quando menos se espera, eles chegam apalpando a gente. Antigamente não tinha isso não”¹⁶.

A prática da prostituição não somente chamou a atenção para os corriqueiros comportamentos que estavam a exigir a patrulha policial, como também era considerado como fator de aborrecimento das meretrizes, pela falta de dinheiro dos clientes e pelas agressões cometidas contra elas.

Nessa perspectiva, a Rua Zeferino Ferreira, especificamente a parte centrada na “zona” de prostituição, ganha fama de lugar em que constantemente o transeunte podia presenciar brigas, bebedeiras e meretrizes expondo-se nas calçadas para atrair clientes. E a própria aparência física do meretrício, cujas casas de palhas se apresentavam sem estrutura e higiene, sem condições de moradia, nem de recepcionar clientes. Tudo isso trouxe escurecimento ao curto tempo áureo da zona de baixo meretrício:

Na zona a gente passou bons tempos, mais agora a gente divide o meretrício com muitas brigas. Além disso, os clientes não estão mais endinheirados, são pessoas que mal vêm pra zona com o dinheiro pra pagar o quarto¹⁷. E isso prejudicou o andamento dos negócios, por isso muitas meretrizes venderam logo seus bares e saíram dessa vida. Eu

¹⁶ Sra. M.C.R., 71 anos, ex-prostituta, hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

¹⁷ A “chave do quarto” era o pagamento do aluguel pelo cliente. O preço variava, dependia do tempo e das práticas sexuais exigidas pelos clientes e acordadas pelas meretrizes.

não, eu resisti e fiquei até não agüentar mais. O meu bar, quando caiu a parte da parede dos fundos, eu tive que esperar quase oito meses para construir de novo¹⁸.

Os bons tempos dos jantares, no Casarão, e do público que tinha dinheiro e prestígio ficaram pra trás. Os clientes que freqüentam o meretrício tianguaense já não são da elite local, mas os simples trabalhadores, diaristas, na maioria, que, recebendo pagamentos semanalmente, sempre faziam reservas, poucas que fossem, para a diversão e o prazer que podiam encontrar na “zona”.

Portanto, sem dinheiro para a movimentação e com a estrutura física degradante, muitas meretrizes ficaram descontentes com o faturamento que não dava sequer para reformar ou ampliar os bares.

A zona de baixo meretrício, tida como lugar de reprodução de jogos, poderes e prazeres, aos poucos presencia a diminuição de uma capacidade de interlocução, o que proporcionou o deslocamento da prostituição para outros espaços da cidade. Ao mesmo tempo, os comportamentos, as atrações, o mundo da sexualidade passaram agora a ocupar motéis e outros espaços que podem ser usados para a cópula. Esse fato demonstra a liberdade sexual que talvez seja elemento definidor do declínio da “zona”.

Para buscar esses elementos (de declínio do meretrício), foi necessário analisar o período de 1990 a 2002 que configurou a falência dos bares e o fim do meretrício. O motivo não foi somente pela mudança física, mas por um processo anterior, como o abandono do bairro e das mulheres pelas autoridades públicas que não programaram nenhuma infra-estrutura para o local.

Nesse processo, muitas casas de prostituição foram vendidas e transformados em terrenos baldios. No final da década de 1990, um lado da Rua Zeferino Ferreira fora vendido e murado. Para as meretrizes do outro lado da rua, isso foi desestimulador e decadente. Ao mesmo tempo em que notamos a decadência da “zona”, percebemos a mudança de comportamento e adaptação à prostituição aos motéis e outros locais.

A “zona” de prostituição, espaço para “devassidão”, cede lugar à morosidade e comportamentos que passam a ser atos discretos para não expor as “boas famílias” a impudicidade do “ócio” meretrício. A questão diz respeito à nova forma de adaptar os *rendez-vous*, torná-los higiênicos, organizados, demonstrando aspecto físico viável não somente para as práticas sexuais, mas também lugar propício para o convívio.

¹⁸ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002.

Nesse sentido, os discursos sobre os fazeres e dizeres referentes à prostituição, na “zona” da Rua Zeferino Ferreira, começavam a incomodar, pois, além da perversão, também cedia lugar a uma espacialização descontrolada das casas de prostituição pela cidade. Para isso, era necessário procurar estratégias para barrar a prostituição, excluí-la do centro urbano. Para Michel Foucault, as estratégias de controle, exclusão e de condições julgadas subversivas podem ser consideradas como “relações de poderes”¹⁹.

Nas tensões travadas entre as relações de sociabilidade que unem “zona” e cidade, existem fatores diferentes que podem ser medidos pela construção de estratégias de controle para separar a prostituição do resto da cidade. Se, por um lado, o meretrício era espaço dos prazeres ilícitos e de bebedices, por outro, a desordenação geográfica do Bairro Governador Ferraz e a falta de infra-estrutura ajudavam na imagem do espaço marginalizado. Mesmo com essa situação, a “zona” perdura por onze anos. Em 2001 é que a Prefeitura Municipal de Tianguá coloca em andamento projetos que tendem a construir uma cidade ordenada, com ruas delineadas e estruturada para o crescimento urbano²⁰.

Na organização dos perímetros, com a pretensão de construir um espaço possível para a convivência, primeiramente, era necessário retirar do local a zona do baixo meretrício.

As algazarras da prostituição, à noite, rompiam com o “sossego” da população, necessitando serem afastadas da cidade, como se fosse possível criar um espaço para a prostituição.

Os discursos institucionalizados mostram os rumos que tomaram conta da vida das mulheres do meretrício. Para isso, é importante ressaltar dois momentos particulares no processo de mudança do espaço urbano da cidade e da vida das meretrizes. O primeiro é referente ao fechamento do meretrício e o segundo à transferência das meretrizes para outro bairro.

Dando ênfase, então, ao primeiro ponto, veja-se a Portaria do dia sete de fevereiro de dois mil e dois:

CONSIDERANDO que são crimes contra os costumes, dentre outros, a mediação para servir a lascívia de outrem, o favorecimento da

¹⁹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 189.

²⁰ Ver: Lei nº 289/01 de 26 de junho de 2001, que delimita o perímetro da zona urbana de Tianguá, demarca as Unidades Territoriais de Planejamentos (UTP's) e das Unidades de Planejamento (UPS).

prostituição, a casa de prostituição, o rufianismo e o tráfico de mulheres;

CONSIDERANDO que cabarés, prostíbulos e casas de prostituição além de serem estabelecimentos ilegais, fomentam a violência e o alto índice de prostituição do município, inclusive, a prostituição infantil;

CONSIDERANDO o número assustador desses estabelecimentos ilegais na cidade e no Município de Tianguá;

CONSIDERANDO que crianças e adolescentes são habitualmente vistos ingerindo bebidas alcoólicas e se prostituindo, ativa ou passivamente, nos estabelecimentos acima mencionados, inclusive, com a conivência dos pais ou responsáveis e a omissão de algumas autoridades públicas, bem como dos proprietários desses estabelecimentos;

CONSIDERANDO a necessidade de assegurar a proteção integral à criança e ao adolescente e os princípios informam.

RESOLVE, [...] com fulcro no art. 149, incisos I e II, parágrafos 1° e 2° da Lei n.º 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA), *fechar todos os cabarés, prostíbulos e casas de prostituição do município de Tianguá*, quer sejam os localizados na chamada Zona de Baixo Meretrício[...]²¹.

A data acima chega até parecer um dia como outro qualquer, mas não foi. Ao menos para as meretrizes da Rua Zeferino Ferreira. É a data da portaria que estabeleceu o fechamento do meretrício em Tianguá e marcou a vida das meretrizes que, há muito tempo, moravam naquele espaço.

A prostituição, considerada fonte ameaçadora da ordem e da estabilidade da cidade, encontrou, no discurso judicial, apoio para “justificar” o fechamento alegando ter a preocupação de “cuidar” da moralidade pública e impedir o crescimento dos estabelecimentos ilegais, observando que o meretrício, “lugar de luxúria”, é crime contra os costumes.

O “controle sobre os desclassificados”²² é a forma de estabelecer a garantia de ordem na cidade; ou seja, os sujeitos que rompem com a contrariedade dos bons costumes e perturbam a ordem pública são uma ameaça para a sociedade. Por isso, a decisão do fechamento do meretrício e similares segue a vontade moralizadora que objetiva evitar a “lascívia” e o “rufianismo”. Esse ato poderá garantir, no futuro, a “proteção integral à criança e aos adolescentes”. É uma ação estratégica de relação de poder que, na interpretação de Inar de Sousa, citando Daniel Lins: “[...] o Poder tem necessidade de encontrar um lugar de exílio para as ‘sexualidades ilegítimas’, as

²¹ Portaria N.º 01/2002, expedida pelo Dr. Péricles Victor Galvão de Oliveira, Juiz da Infância e Juventude da Comarca de Tianguá – Ceará.

²² ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 28.

sexualidades não reprodutivas, não familiares. É preciso, pois, confinar o prazer e os fantasmas da prostituição – esse ‘mal necessário’ que sustenta muitos casamentos e relações impossíveis – ‘lá onde se pode reinscrevê-los, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos circuitos do lucro’”²³.

O poder público estabeleceu a “domesticação das aparências”, mas o ato jamais apagará da memória dos tianguaenses os amores, bem como os conflitos gerados na “ZBM” (Zona de Baixo Meretrício). Mesmo com a mudança do espaço urbano, os moradores e freqüentadores recompõem memórias do lugar. A construção de uma nova imagem de Tianguá, pelo afastamento das meretrizes para fora do centro da cidade, não é a garantia da eliminação das meretrizes e da preservação dos bons costumes. O afastamento pode até acontecer, mas a lembrança do meretrício e da Madame Maria Eva não vai desaparecer, pois o exercício da memória remete a alguns atores se apropriarem dessa matéria.

A memória dos tianguaenses sempre busca referências junto às práticas sexuais do meretrício. Não adianta construir residências longe do centro para alocar a prostituição, pois, socialmente, a memória é capaz de percorrer todos os lugares da cidade para falar das várias noites que muitos personagens viveram nos cabarés.

Assim, com essa interpretação, pode-se observar que as memórias do mundo da cancela e da zona do baixo meretrício alimentam narrativas, versões e discursos elaborados por clientes e meretrizes a partir das recriações ligadas às lembranças. Isso faz o historiador, na abordagem dessas fontes, não tentar se aproximar da suposta objetividade absoluta dos depoimentos, da verdade única e unívoca na descrição de fatos “reais” que procura reconstruir. Pelo contrário, é preciso debruçar-se sobre as reflexões e versões que vieram à tona por meio das memórias, buscando os sentidos e significados que os próprios sujeitos das experiências relatam de forma necessária ou possível para eles. Isso talvez seja o “limite”, a riqueza ou o desafio que representa o fato de se trabalhar com a história oral.

Diante da indagação sobre o fechamento do meretrício, as narrativas das meretrizes mudam de interpretação, deixando de lado o que se poderia esperar como o mundo “real” da prostituição, e cedem lugar à multiplicidade de formas e entendimento dos vários sentidos que levou o Poder Judiciário a fechar o meretrício.

²³ SOUSA, Francisca Inar de., op. cit., p. 61.

Na sociedade tianguaense, por vezes, o meretrício era identificado como um universo caracterizado pela questão da marginalidade. Assim, diferentes argumentos surgem para justificar o exílio das meretrizes, como é o caso do depoimento do senhor A.M.A.:

Há muitos anos eu moro aqui, mas sempre eu quis sair por causa do dito cabaré, hoje não pretendo sair, não vendo minha casinha que é tão boazinha, suei tanto pra construir. Quando tinha cabaré, ninguém se interessava pra comprar, falavam logo: - Tua casa é boa mais o defeito é que é perto do cabaré, de marginal. E agora, depois do fechamento do cabaré, todo mundo me pergunta se eu não quero vender. O terreno valorizou. Agora eu não vendo. Num tô precisando de dinheiro!²⁴

O desejo de venda do imóvel era por ter como vizinhança a “ZBM”, e a distância do lugar considerado “marginalizado” seria melhor para sua família. O universo da prostituição sempre é colocado como uma realidade à parte; por isso, morar perto do cabaré era tido como um “defeito”. Daí a necessidade de venda do imóvel pode ser entendida como forma estratégica: ignorar a prostituição pelo distanciamento do “antro” das perdições amorosas. Hoje, com o meretrício longe do centro da cidade, o senhor A.M.A. sente-se seguro, tanto por estar distante das marafonas, quanto por ter lucrado com a valorização do imóvel.

Para a meretriz L.B.M., o fechamento do ambiente veio como forma de atuação de um determinado poder. A preparação para o período carnavalesco, nos bares, que foi interrompida, gerou muita expectativa referente ao movimento:

Quando os policiais bateram na minha porta para fechar meu bar eu não entendi muito. Era véspera do carnaval eu tava com tudo comprado. Cerveja, ‘ronmotila’, cachaça, tudo... tudo... Aí disseram que era pra fechar, fechei. Levei um prejuízo doido. Atrasei minhas contas, mas pensei: num vou ficar presa por causa disso. Aí eu achava que eu podia abrir depois do carnaval. Que nada! O cabaré tinha fechado mesmo pra sempre²⁵.

Enquanto uns ganharam com o fechamento, outros tiveram prejuízos. Surpreendidas, as meretrizes não tiveram tempo para se defenderem do aparato burocrático da Lei. A ação do poder judicial veio de forma inesperada e imobilizou as

²⁴ Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.

²⁵ Sra. L.B.M., 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

meretrizes no próprio ambiente. Tomadas pelo poder da Lei, elas foram impedidas de abrir os bares e de praticar a prostituição.

Os artifícios da portaria funcionaram, com efeito de coação que teve o objetivo de corrigir os comportamentos impudicos que “afligiam” a população tianguaense.

O fato é que os poucos bares restantes, na Rua Zeferino Ferreira não estavam cumprindo as normas preestabelecidas, e, principalmente, ainda quebravam a ordem pela violência e bebedices; por isso, nada de abri-los após o carnaval: fechar para “sempre” foi a ordem judicial.

O fechamento do meretrício não foi o suficiente para “anular” as meretrizes. Foi necessário, então, transferi-las para um bairro afastado do centro. Longe, portanto, da cidade, reprimidas das práticas delinquentes a que se expunham na Rua Zeferino Ferreira, é hoje a real situação dessas mulheres.

Quem providenciou a transferência das meretrizes foi a Prefeitura Municipal de Tianguá que, em 2002, doou casas e, mediante atos considerados “cruéis”²⁶ pelas meretrizes, foi possível removê-las.

A visão da Instituição aparecia em nota de jornal na capital, em Fortaleza – Diário do Nordeste: “Prefeitura Municipal de Tianguá desativa favela”. Nesta matéria, o poder público municipal anuncia o término da construção das casas para as meretrizes com certo ufanismo. De acordo com o discurso da Prefeitura, estavam também sendo entregues não somente as casas, mas a “dignidade” dessas mulheres:

As famílias que moravam em área de risco, sobretudo nos locais com elevado índice de prostituição, na sede municipal de Tianguá, a 318 quilômetros de Fortaleza, estão sendo instaladas em áreas mais dignas de vida. Quarenta destas famílias já ocuparam casas com água, luz e pavimentação e estão recebendo apoio do Sebrae, Banco do Nordeste e Secretaria de Ação Social para aprenderem uma nova profissão. A transferência destas famílias teve início no último sábado, quando o prefeito, Luiz Menezes, atendendo a determinação do juiz de Direito Péricles Victor Galvão de Oliveira, juiz da Infância e da adolescência, fechou a principal área de prostituição da cidade, local onde a maioria das famílias viviam em condições subumanas. Algumas morando em cubículos utilizados na prostituição, expondo ao ridículo as crianças e os adolescentes. Com a mudança das famílias para áreas mais dignas, a Prefeitura dará condições de vida a estas famílias. Algumas pessoas já estão trabalhando na Fábrica de Calçados ‘Rena’ e outras

²⁶ Sra. L.B.M., 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

aprenderam corte e costura e estão trabalhando em suas próprias casas²⁷.

Diante da medida, podemos ver como o meretrício mudou, durante o decorrer da história local: no tempo da Madame Maria Eva, era tido como lugar de diversão, o *glamour* das noites em Tianguá; agora, por estar sendo localizado na sede do município, é interpretado como “área de risco” e, neste caso, é necessário afastá-lo do centro da cidade para não ameaçar a ordem com a presença física.

Por outro lado, mudar as mulheres de bairro não adiantaria, era necessário regenerá-las, dando-lhes emprego: umas, como operárias na Fábrica de Calçados Rena; outras tiveram que ingressar em cursos de corte e costura para, assim, adquirirem outra profissão e deixar a prostituição.

O processo de “regeneração”, mediante parcerias entre o Banco do Nordeste, SEBRAE e Secretaria da Ação Social, pode ser entendido como discurso de poder que rompe com a própria vontade do indivíduo, obrigando-o a ocupar ou se apropriar de certos comportamentos não espontâneos.

As personagens que pertenceram a todos e a ninguém ao mesmo tempo não deixaram de existir com a portaria, tampouco com a transferência para outro bairro projetado pela Prefeitura Municipal. Elas continuam a viver, resistindo, improvisando, ensaiando outras formas para exercer a prostituição.

Neste depoimento, a meretriz, dando ênfase à forma de vida que estava levando, no novo espaço, coloca em questão algumas indagações sobre as dificuldades que enfrenta:

“A Prefeitura nos mandou para o catatau. Mais e daí? Como a gente faz para ir ao centro? Lá é muito longe da cidade, quando preciso resolver alguma coisa tenho que ir a pé, pois não tenho dinheiro pra pagar mototáxi. Não adiantou nada a prefeitura dizer que devolveu nossa dignidade. Como? Se a gente aqui vive presa igual lá! Parece até que as casas não são nossas. Pra plantar um pé de planta tem que ser do jeito que o Prefeito quer. Não pode fazer nada na casa se num for com a permissão dele. Taí, hoje eu não tenho nada pra comer. A vida de prostituta era meu ganha pão. Agora tô aqui, sem ganhar dinheiro, sem emprego. Do que eu vou viver?”²⁸

A denominação de bairro Catatau deve-se à referência a um Posto de Gasolina localizado na extremidade da BR 222, em torno do qual as únicas residências são das

²⁷ **Diário do Nordeste:** PMT desativa favela. Fortaleza-Ceará, 17 de setembro de 2002. p. 3.

²⁸ N.S., 43 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 15/09/2002.

meretrizes, havendo, ainda, muitos terrenos baldios nos arredores. Além da dificuldade de transporte e da falta de dinheiro, as meretrizes sofrem a privação de expressão, de comunicação, pois a Prefeitura não permite a abertura de bares nas casas, nem a prática da prostituição.

Portanto, a “condição subumana” em que, segundo a Prefeitura, se encontravam aquelas mulheres, não foi modificada. Por parte das meretrizes fica a reivindicação.

Por outro lado, a história da prostituição não acabou nem com o fechamento do meretrício, nem com a demarcação dos espaços e, muito menos, com os restos deixados pelo trator – “os lugares de memórias são, antes de tudo, restos”²⁹ –, mas as fases são reconstituídas pelos trabalhos da memória de clientes, meretrizes e de outros sujeitos que lembram os conflitos e tensões que aconteceram na “zona”.

Analisando, de forma geral, a intenção das instituições frente à prostituição tianguense, é merecido registrar que o fato dessa ação não objetivou somente afastá-las do centro da cidade, mas ainda era necessário mantê-las sob vigilância. Essa estratégia (da construção das casas) não evitou a dispersão das mulheres para outros lugares da cidade.

Por outro lado, tal situação ficou tão evidente que, ao passar nas extremidades da estrada onde ficam as casas, é costume identificá-las como sendo a vila das “meninas da zona”.

No entanto, o outro lado da discussão se faz necessário enfatizar. Toda ação de controle das mulheres não pôde evitar as dispersões, tampouco a prostituição. Sob o ponto de vista de Laure Adler, “o declínio e o fechamento dos prostíbulos não significam necessariamente a diminuição da prostituição, na maioria das vezes, ela aumenta”³⁰.

Permeado por questões amorosas e conflituosas, o movimento das ações segue, mesmo diante de tantas adversidades, com a chegada dessas mulheres no novo bairro, algumas conseguiram e outras ainda tentam apagar a imagem do trator derrubando os bares.

²⁹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 10, p. 13, dez. 93.

³⁰ ADLER, Laure. **Os bordéis franceses-1830-1930**. São Paulo: Companhia das Letras; Circulo do Livro, 1991, p. 125.

A história, então, das meretrizes da “zona” não passa mais pela Rua Zeferino Ferreira. Ao menos fisicamente, elas têm outra situação no Bairro Catatau, dando assim outra dimensão a suas famílias e tendo que se adaptar aos comportamentos e costumes, não por haverem escolhido a mudança, senão pela imposição das instituições (Prefeitura e Fórum Local).

Na busca de outra perspectiva, essas mulheres lutam para se livrarem das regras impostas pela prefeitura, forjam saídas para a sobrevivência, mas seguem, dentro de certos limites, buscando outras formas de viver e de se apresentar no novo bairro.

